

ATIVIDADES LÚDICAS E O PERFIL PSICOMOTOR DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Aladim Alves de Oliveira¹
Elaine de Brito¹
Stefanny da Cruz de Oliveira¹
Rafael Veríssimo Martins¹
Luciano Cruz²
Ana Claudia Vecchi Osiecki³

RESUMO

As crianças com o transtorno do espectro autista requerem um atendimento e organização dos profissionais de educação física principalmente em relação às atividades físicas e o perfil psicomotor para que ela alcance uma aprendizagem significativa. O objetivo do presente estudo é analisar se há melhora no perfil psicomotor de crianças autistas praticantes de atividades lúdicas. A metodologia foi embasada por meio de uma fundamentação teórica advinda de uma revisão de literatura de caráter qualitativo, e elaborada uma tabela com descrição de resultados obtidos em 23 estudos análogos ao presente artigo, verificando a importância de ações voltadas a crianças com transtorno no espectro autista. Conclui-se que crianças autistas que praticaram atividades físicas lúdicas obtiveram uma melhora considerável em seus níveis de qualidade de vida e uma boa diminuição de seus níveis de estresse em comparação aos pacientes que não realizaram atividades lúdicas. Existem comprovações que estabelece que, por intermédio da atividade lúdica, é possível desenvolver aspectos comunicativos e sociais das pessoas com TEA, ela tem diversas dificuldades relacionadas a sua deficiência e a atividade lúdica proporciona um progresso que vai além do bem-estar da criança, ele tem a capacidade de melhorar

1. Acadêmicos do curso de Educação Física, Bacharelado, e membro do Grupo de Pesquisa Qualidade de Vida e Atividade Física da UniDomBosco (Curitiba, PR)
2. Prof. Ms Orientador. Educação Física Centro Universitário UniDomBosco
3. Profa. Dra. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Qualidade de Vida e Atividade Física da UniDomBosco

o rendimento físico.

Palavras-chave: Autismo. Perfil psicomotor. Atividades lúdicas

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), popularmente conhecido como autismo, se caracteriza por um quadro clínico em que prevalecem prejuízos na interação social, nos comportamentos não verbais (como contato visual, postura e expressão facial) e na comunicação (verbal e não verbal), podendo existir atraso ou mesmo ausência da linguagem (MENDES, 2017).

Segundo Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é compreendido como um transtorno que se manifesta na infância, e afeta o neurodesenvolvimento, tendo os efeitos de déficits nas dimensões comportamentais e sociocomunicativas do indivíduo. (APA, 2013).

Os profissionais baseavam seus diagnósticos, até início de 2013, no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV-TR) e a Classificação Internacional de Doenças (CID-10). Os termos Transtorno Global do desenvolvimento (TGD) e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID), respectivamente.

O autismo, considerado um Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), afeta 1% da população brasileira, sendo mais comum para o sexo masculino do que feminino. Os sintomas surgem nos três primeiros anos de vida e até hoje não foi diagnosticado a causa psicológica desta doença (GAUDERER, 1997).

Crianças e Jovens prejudicados pelo TEA possuem uma dificuldade de relacionamento com outras pessoas, e dificuldades na fala e em suas expressões de personalidade. Podem também ser comprometidos pelo comportamento hiperativo, e uma desapropriada simpatia por objetos e rotinas, além de várias modificações nos domínios comportamentais, perceptivo-motores e cognitivos (SOUZA; FACHADA, 2012; MATIKO OKUDA et al, 2010 TREVARTHEN; DANIEL, 2005, ORRÚ, 2002, LECAVALLIER, 2006).

Existem outros problemas dentro do Transtorno Espectro Autista, as crianças podem ter alterações motoras como no caso do TDC (Transtorno do Desenvolvimento da Coordenação) que prejudica organizações, como correr ou outras que necessitem de planejamento motor (BRITES, 2016, apud PADILHA et al, 2017).

Pan (2006) fala sobre a relevância nessa população que praticam exercícios e como o padrão de exercícios físicos diminui conforme eles vão chegando em sua adolescência

relacionado também com o menor tempo das aulas de educação física na escola. Pan também ressalta que esses jovens devem estar conectados a programas de atividades físicas, e que essas relações com as atividades são demarcadas por variáveis sociais, cognitivas ou culturais.

Segundo Garcia-Villamizar (2010), em um estudo feito com pacientes autistas, os pacientes que praticaram atividades físicas recreativas obtiveram uma melhora considerável em seus níveis de qualidade de vida e uma boa diminuição de seus níveis de estresse em comparação aos pacientes que não realizaram atividades físicas recreativas.

As atividades físicas proporcionam benefícios de qualidade de vida para qualquer pessoa, porém em crianças com TEA traz excelentes oportunidades de aprendizagem juntamente com o prazer e autoestima trazendo uma melhora na qualidade de vida. A criança com TEA tem diversas dificuldades relacionadas a sua deficiência e as atividades proporcionam um progresso que vai além do bem-estar da criança, ele tem a capacidade de melhorar o rendimento físico, fazer com que a criança conheça melhor seu corpo, a comunicação e socialização (MASSION 2006 apud SCHLIEMANN 2013).

A educação física é um elemento curricular que tematiza as práticas corporais em suas diferentes formas de reunião e significação social, entendidas como demonstração das possibilidades convincentes dos sujeitos e patrimônio da cultura do movimento (CONFEEF apud RODRIGUES, 2017).

O profissional que se dispõe a trabalhar com crianças autistas deve efetuar uma maneira de ensino mais estruturado que ajude esse aluno a desenvolver sua independência e mantendo uma boa relação com o aluno respeitando a sua rotina (TOMÉ, 2007).

É importante o professor conhecer os detalhes e as habilidades da criança autista. A criança tem interesses e níveis de comunicação diferentes, para o professor ter sucesso na atividade proposta ele precisa trabalhar a motivação, obediência, autoestima e o desempenho independente, para que através dessas atividades a criança crie um convívio social (LABANCA 2000; VATAVUK, 1996; apud PADILHA et al 2017).

Tomé (2007) afirma que as atividades propostas aos alunos devem ser coerentes, utilizar jogos com muitas regras e jogos imaginários pode ser muito difícil e causar uma frustração no aluno. A melhor abordagem são atividades como correr, e para alguns, andar de bicicleta, circuitos de ginásticas, atividades de relaxamento, músicas e outras atividades coerentes com a cultura social das crianças autistas. Como alternativa de abordagem no tratamento de crianças autistas temos o TEACCH.

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentido de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana” (HUIZINGA, 2000, p. 33).

A TEACCH (Tratamento e Educação de Crianças Autistas e Atrasos na Comunicação) é uma interpelação com adaptações que influenciam no comportamento da criança, desde os detalhes mais simples até os mais abrangentes, é uma abordagem para as escolas e os professores de educação física de interação com as crianças com TEA. O objetivo é apoiar essa criança a chegar na idade adulta com o máximo de autonomia possível. O TEACCH ele baseia-se como, adaptações do ambiente às limitações da criança, planos de intervenção e a capacitação de profissionais. O professor de Ed. Física precisa entreter e divertir a turma, mantendo uma relação proveitosa e de confiança com cada aluno, sempre desenvolvendo atividades para aprimorar as habilidades motoras, com demonstrações e ajudando a criança para que ela consiga executar sozinha a atividade proposta (NEGRINE, MACHADO 1999; apud PADILHA et al 2017).

Brito (2017) cita que quando se trata de estratégias para trabalhar com crianças com TEA é importante considerar que elas apresentam uma série de dificuldades e habilidades em graus e níveis diferentes em relação ao seu desenvolvimento na questão social, linguagem, cognitivo, motor e emocional. Ao trabalhar com crianças com TEA o professor pode utilizar de adaptações como o uso de jogos e brincadeiras, esses jogos devem proporcionar um estímulo a atenção da criança e a representação por símbolos.

Tomé (2007) apud LABANCA (2000) cita algumas atividades para serem trabalhadas com autistas, que são compatíveis com a cultura social, um método é o circuito com obstáculos incluindo subidas e decidas, transpor objetos como pneus e arcos, atividades que trabalham mudança de direção, equilíbrio, saltos, jogos e brincadeiras com bolas, como chute ao gol, arremesso na cesta de basquete, rolar, agarrar, esquivar entre outros.

O brincar é a principal forma usada pela criança para comunicar-se, expressar-se, relacionar-se e aprender. Auxilia de maneira singular para o atendimento a crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), trazendo formas espontâneas de intervenção nas demandas, déficit e dificuldades apresentadas por elas. O brincar em suas propostas lúdicas vem contemplar o grande número de manifestações do espectro, buscando atender cada criança, em suas particularidades, através do jogo coletivo e individual.

O jogo e o brincar, portanto sob as suas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, proporciona uma assimilação da real a atividade própria fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando-o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso, os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneçam as crianças um material conveniente, a fim de que, jogando e brincando elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais que sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil (PIAGET1976, p. 160).

É através dos jogos e brincadeiras que podemos observar o desenvolvimento da imaginação, a confiança, a autoestima, o controle e a interação da criança, pois proporciona o sujeito a aprender através da experiência da ação e interação com o seu meio, o seu desenvolvimento da linguagem, a sua criatividade e cooperação.

Muitas vezes o professor poderá usar da criatividade para conseguir a atenção da criança com TEA usando fantasias, capas, chapéus de personagens que a criança goste. Há situações em que a criança com TEA pode apresentar comportamento agressivo como quebrar objetos, bater em outras crianças ou em si mesmos e isso é comum, pois a criança pode se estressar com o ambiente em que está (BRITO 2017).

Um dos aspectos importantes que podemos analisar o prazer e o encantamento que o lúdico produz possibilitando que o sujeito se mostre se entregue e se envolva em sua dinâmica naturalmente.

A prática da docência na educação física para crianças com espectro autista é um desafio para os professores, haja vista que as individualidades de cada criança precisam ser respeitadas. Nesse sentido, as atividades lúdicas e psicomotoras são essenciais. Diante disso, o problema de pesquisa é as atividades lúdicas melhoram o perfil psicomotor em crianças com transtorno do espectro autista na percepção dos professores de educação física?

Para atender essa problemática o objetivo geral é analisar se há melhora no perfil psicomotor de crianças autistas praticantes de atividades lúdicas.

OBJETIVO GERAL

Verificação das atividades lúdicas sobre o perfil psicomotor de crianças autistas.

METODOLOGIA

O estudo se configura uma revisão de literatura, na medida em que busca julgar sobre o assunto a partir de pontos de vistas diferenciados, contidos na literatura. É exploratória, na medida em que delibera acerca de questões que podem abrir margem para pesquisas futuras, que podem trazer impactos positivos diretos a qualidade de vida de pessoas com transtorno do espectro autista.

Os dados apresentados foram retirados de sites acadêmicos como o portal Scielo e Google acadêmico. Para a procura dos materiais e seleção dos arquivos, foi utilizada a técnica de análise de palavras-chave, levando em consideração as seguintes palavras: transtorno do espectro autista, ludicidade, atividades lúdicas, perfil motor, aumento da qualidade de vida, necessidades especiais. Os dados serão analisados de forma qualitativa.

Excluídos do estudo pesquisas sem relevância a deliberação a respeito do presente objeto de estudo, explanado nos tópicos supramencionados.

INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

A partir da análise de vinte e três estudos relacionados ao incentivo da prática de atividades lúdicas com crianças com transtorno do espectro autista, buscou-se elencar os benefícios desse tipo de ação, verificando os impactos no perfil motor destes indivíduos. Serão considerados válidos para a presente pesquisa, estudos disponíveis na literatura que tiveram como foco os seguintes aspectos: importância das atividades lúdicas para crianças autistas, a importância dos profissionais neste contexto, além dos conceitos e característica de “ludicidade” e de “transtorno do espectro autista”, assim como demais estudos com temáticas análogas ou correlatas.

1.Tabela de descrição dos resultados

AUTOR	AMOSTRA	OBJETIVO	INTERVENÇÃO	RESULTADOS
TEIXEIRA; CARVALHO E VIEIRA. (2019) “Avaliação do perfil motor em crianças de Teresina - PI com Transtorno do Espectro Autista (TEA)”	A amostra constituiu-se de crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) com idades de 5 a 11 anos, de ambos os gêneros.	Avaliar o perfil motor de crianças com TEA.	Trata-se de um estudo clínico observacional, transversal, prospectivo, quantitativo e descritivo, realizado em uma associação de crianças autistas.	Conclui-se que crianças com transtorno do espectro autista (TEA) apresentam idade motora geral inferior à idade cronológica. Nas áreas de motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial e temporal e lateralidade, obtiveram níveis insatisfatórios com consequentes padrões de desenvolvimento inferiores do desenvolvimento.
SOUZA; ASSIS. (2014) “ALUNOS AUTISTAS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: LIMITES E POSSIBILIDADES DO TRABALHO COTIDIANO”	A amostra constituiu-se de cinco escolas, cinco professores de EF que possuem alunos autistas e cinco coordenadores que atuam nessas instituições de ensino.	Verificar como os professores de EF lidam com alunos autistas durante as aulas.	O instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista semiestruturada, com elaboração de dois roteiros com características similares, mas contendo perguntas específicas: um para os professores e outro para os coordenadores.	Conclui-se que os professores de EF de Jataí-GO não conseguem lidar qualitativamente com os alunos autistas nas escolas públicas, pois encontramos muitos limites do que propostas e possibilidades da parte desses professores. Percebemos que a relação dos profissionais com autistas ainda é distante, originada do desconhecimento do assunto, tanto de sua formação inicial quanto continuada.
ROMEIRA. (2016) “TÉCNICAS DE ENGAJAMENTO ENTRE AVALIADOR E CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM CONTEXTO LÚDICO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA”	Estudo de caso coletivo. Participantes: quatro crianças e um avaliador-criança. As crianças eram todas do sexo masculino, com idades entre cinco anos e seis meses e quatro meses, e as quatro avaliadoras possuíam, pelo menos, dois anos de experiência na avaliação de crianças com suspeita de TEA e treinamento em um mesmo centro de qualificação.	Investigar as técnicas utilizadas por psicólogos que mantiveram a engajamento socialmente com crianças com suspeita de TEA em contexto lúdico de avaliação psicológica.	Protocolo para observação de interação avaliador-criança (adaptado de Romeira, Backes & Bosa, 2013): neste estudo, o protocolo destinado à codificação dos comportamentos das avaliadoras e das crianças durante as sessões, sendo adaptado a fim de contemplar categorias e subcategorias geradas a priori para posterior análise. Além disso, um estudo piloto, com base em um caso, foi realizado para o exame de adequação do protocolo à análise proposta.	Concluiu-se, portanto, que a identificação das ações que facilitam a interação social entre o avaliador e a criança com TEA pode auxiliar profissionais da área a adotar técnicas comportamentais que façam emergir essas potencialidades.
PIRES, STEFANI FILHO. (2009) “MASTROIANNI. (2009) A LUDICIDADE COMO PROPOSTA PARA O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS”	Nesse trabalho discute-se o caso de uma criança do sexo masculino, com sete anos de idade e que frequenta o clube semanalmente participando das sessões de atividades lúdicas recreativas por 45 minutos.	Proporcionar à criança com autismo uma vida com saúde, lazer e atividade, além de oferecer à família instrumentos para convivência mais adequada com a patologia.	Durante a sessão procurar criar condições e possibilidades de desenvolvimento relacionadas à sensibilidade, experiência motora, interação social e concentração, além de proporcionar uma prática regular de hábitos e rotinas fundamentais para o dia-a-dia da criança, trabalhando regras, possibilidades e limites pessoais em sociedade.	Apesar da difícil tarefa de se avaliar um quadro tão complexo como o autismo, pode-se perceber que a realização de atividades lúdicas e recreativas tem proporcionado uma evolução evidente do caso estudado.
MENDES. (2015) “A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE NO	Participaram da entrevista uma criança autista (E.P.R.), a mãe (Maria), a professora (M. A. N.) e a	Observar como as atividades lúdicas promovem os processos de inclusão escolar	A abordagem metodológica utilizada no presente estudo é qualitativa.	Considera-se, então, que é, de fato, importante levar em consideração as especificidades e particularidades dos sujeitos, pois são essas

DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS”	professora regente, aqui tratada como R.A.S	uma criança com Espectro Autista e sala de aula.		diferenças que devem instigar reflexão. É preciso esforços para romper as barreiras, eliminar preconceitos e garantir o direito à educação de qualidade e reconhecimento das diferenças. A pesquisa contribuiu positivamente para a compreensão do autismo em um campo que há ainda muito a descobrir.
MELLO. FIORINI. COQUE (2019) “BENEFÍCIOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES”	Os participantes do estudo foram 10 PEF que ministravam aulas em uma rede municipal de ensino de uma cidade no Centro-Oeste Paulista, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.	Identificar a percepção dos PEF sobre os benefícios da Educação Física escolar para o desenvolvimento do aluno com TEA.	Para a coleta de dados realizou-se a aplicação de um questionário com 11 perguntas abertas, a ser auto preenchido pelos participantes.	Concluiu-se que os 10 PEF participantes da pesquisa indicaram, por meio das respostas, conhecer a definição de TEA, porém, falta um conhecimento mais amplo na área. Além disso, alguns PEF afirmaram que tiveram facilidade em trabalhar com alunos com TEA, assim mantendo um método padrão de aula, fazendo poucas adaptações. Outros PEF relataram como desafiador o trabalho com alunos com TEA, pois, cada aluno com TEA tem suas individualidades, então precisam entender suas necessidades e propor atividades dentro das limitações, sem esquecer dos demais alunos.
CRESPO. (2019) “UMA PROPOSTA LÚDICA PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL”	N/A	Apresentar de forma sintetizada, a inclusão escolar de crianças portadoras de autismo na educação infantil utilizando o trabalho lúdico.	Trata-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa	O trabalho lúdico realizado com os alunos portadores de autismo visa incluí-los socialmente no ambiente escolar, favorecendo um adequado processo de ensino e aprendizagem deste alunado. Portanto, a escola necessita de um preparo, como também, estabelecer contato direto com a família do alunado para que juntos possam alcançar êxito no trabalho realizado.
OLIVEIRA. GUIMARAES. (2019) “A importância da ludicidade na inclusão do aluno com transtorno do espectro autista (TEA)”	No total participaram nas intervenções 140 indivíduos com PEA, entre os dois sexos, sendo majoritariamente do sexo masculino.	O objetivo deste trabalho é reunir os principais estudos que foram realizados nos últimos anos no âmbito da atividade física em indivíduos com TEA e retirar as conclusões acerca dos mesmos.	Esta revisão consistiu numa análise sistemática de estudos resultantes de programas de intervenção motora.	Concluiu-se que a atividade física em indivíduos com perturbação do espectro do autismo é um aspecto bastante pertinente, revelando benefícios nos diferentes domínios, sendo significativa a influência do exercício em pessoas com autismo, quer ao nível da melhoria da sua condição física quer na melhoria das capacidades cognitivas e sensoriais.

Tabela 2 – Análise de pesquisas sobre a influência da ludicidade no perfil motor de crianças autistas.

Categorias	Número de autores	Busca base de dados
Autista e seu Perfil motor	4	Plataforma Scielo, Google Acadêmico.
Dificuldades Professor de educação física e autista	3	Plataforma Scielo, Google Acadêmico.
Autista e o Lúdico	16	Plataforma Scielo, Google Acadêmico.

O Transtorno do Espectro Autista é um transtorno do neurodesenvolvimento infantil caracterizado por dificuldades na interação social, comunicação, comportamentos repetitivos e interesses restritos, podendo apresentar também sensibilidades sensoriais.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) engloba diferentes condições marcadas por perturbações do desenvolvimento neurológico com três características fundamentais, que podem manifestar-se em conjunto ou isoladamente. São elas: dificuldade de comunicação por deficiência no domínio da linguagem e no uso da imaginação para lidar com jogos simbólicos, dificuldade de socialização e padrão de comportamento restritivo e repetitivo.

Analizamos artigos acadêmicos sobre atividades lúdicas e o perfil psicomotor de crianças com transtorno do espectro autista e conforme trabalho de análise de dados da tabela podemos observar como crianças com TEA podem se desenvolver de forma diferente em relação a perfil motor e motricidade.

Segundo Kern et al (1982) O uso de atividades físicas como intervenção tem duas implicações muito importantes:

- **Fisiológicas:** pesquisas já mostraram que a atividade física provoca a liberação de neurotransmissores que estão presentes em calmantes.
- **Educacionais:** além das intervenções tradicionais, o efeito fisiológico da atividade física propicia uma melhora no desempenho acadêmico ou no comportamento de modo geral.

Teixeira et al. (2009) obteve uma amostra com 20 crianças com idades entre 5 e 11 anos para avaliar o perfil motor, tratava-se de um estudo clínico e observacional e concluiu que crianças com TEA tem idade motora inferior a idade cronológica.

OLIVEIRA. GUIMARAES. (2019) diz que atividades físicas para crianças com TEA são muito importantes, revelando benefícios em diferentes áreas como a melhora na condição física, capacidades cognitivas e sensoriais.

Segundo McGimsey (1988) Um complemento para a intervenção comportamental pode ser a inclusão de atividades físicas, como, por exemplo, exercícios aeróbicos, exercícios de correr, de nadar etc.

De acordo com Massion (2006) As crianças com autismo que tem práticas esportivas podem se beneficiar em áreas da comunicação, motor e da socialização e isso já contribui para melhora na autoconfiança.

No decorrer das atividades lúdicas, os jogos e brincadeiras realizadas pelos professores podem e devem incentivar o pensamento através da ordenação, coordenação, noções de espaço e tempo e principalmente trabalhar na criança o conceito de socialização e respeito às normas e regras, trabalhando também o cognitivo, o motor, o psicológico propiciando a interação, participação e coletividade, construindo o seu conhecimento, ou seja, vai criando sua identidade, estabelecendo uma relação da realidade interior e exterior, facilitando a adaptarem-se as regras do seu ambiente social permitindo-lhe a constituir e compreender o real.

Simone Gama da Silva e T al (2018) cita a importância de considerar as limitações individuais de cada criança e o professor deve ficar atento e propor atividades que trabalhe o desenvolvimento, autoestima, interação em grupos e estimular a independência, estuda cultura corporal do movimento que por isso o profissional deve ter conhecimento suficiente para entender qual a melhor maneira de se fazer uma intervenção adequada para que o aluno obtenha melhores resultados já que se trata de uma criança com movimentos restritos devido à falta de habilidade ou estímulos.

Diante disso podemos analisar através das pesquisas da tabela em anexo os benefícios de se trabalhar o lúdico e atividades físicas em crianças com transtornos do espectro autista. Como podemos analisar alguns autores citam a dificuldade de professores em trabalhar com crianças com TEA principalmente em escolas públicas porque se sentem limitados em relação a propostas para esse público.

Ao falar da dificuldade do profissional com esse público, podemos pontuar a compreensão as regras estabelecidas, comandos, as disfunções motoras que podem contribuir para uma má comunicação e a forma que é aplicado determinados exercícios.

Já alguns professores tiveram facilidade em trabalhar com crianças com TEA, mas em grau leve como afirma MELLO. FIORINI. COQUEIRO (2019) que em sua

pesquisa observou-se que os professores conheciam a definição de TEA, mas ainda faltava conhecimento mais amplo nesta área. Mantendo assim um método padrão com poucas adaptações já que os alunos tinham um grau considerado leve

MENDES (2015) considera que é importante o professor levar em conta as particularidades de cada criança, pois são através dessas especificações que o educador conseguirá obter melhores resultados no processo de aprendizagem.

O brincar é a principal atividade da infância e constitui um papel importante no desenvolvimento psíquico, a atividade lúdica surge na idade pré-escolar e através da brincadeira a criança aprende a dominar conflitos e desenvolver a criatividade para resolver problemas. Este trabalho lúdico ajuda esses alunos a incluí-los no ambiente escolar desenvolvendo da melhor forma suas capacidades.

De acordo com Mendes (2015), em seu estudo de abordagem metodológica qualitativa afirma as atividades lúdicas serem essenciais para a criança pois favorece o seu desenvolvimento em diversas habilidades e funções no plano cognitivo, social, emocional e, também, motriz. No Transtorno do Espectro Autista é comum que encontre alguma alteração no jogo, especialmente, a nível simbólico. Sendo a atividade lúdica uma ferramenta importante de aprendizagem e parte vital no desenvolvimento de todo indivíduo, é importante abordá-la de forma ampla e adaptada às características e necessidades concretas de cada criança.

Esquivel (2014) também concorda com Mendes (2015) afirmando que a criança tem a necessidade de brincar, pois o brincar é um momento muito importante que a ajuda na sua saúde física, emocional e intelectual da criança, os jogos e os brinquedos exercem uma função importantíssimo seu processo de desenvolvimento, pois são atividades que exercem um papel principal na vida da criança durante a sua infância. É através dos jogos e brincadeiras que podemos observar o desenvolvimento da imaginação, a confiança, a autoestima, o controle e a interação da criança, pois proporciona o sujeito a aprender através da experiência da ação e interação com o seu meio, o seu desenvolvimento da linguagem, a sua criatividade e cooperação.

Uma das principais comorbidades associadas ao autismo em crianças relaciona-se diretamente ao déficit do desempenho motor como resposta ao movimento (MOSTOFISKY et al., 2006). Crianças com TEA apresentam uma série de alterações motoras, com atrasos na coordenação, resultando em déficits na aprendizagem de habilidades motoras finas e complexas, que incluem motricidade global, equilíbrio, esquema corporal, e organização espacial e temporal (LARSON et al., 2008).

A Educação através do lúdico enriquece e influencia na formação da criança, estimulando no indivíduo um crescimento sadio, cheio de conquistas e motivações,

possibilitando a essa criança o acesso ao conhecimento através da experiência da troca desenvolvendo uma prática educativa mais lúdica, alegre e muito significativa permitindo que esta criança adquira conhecimento sobre sua realidade.

No estudo de Okuda et al. (2010), das quais as crianças com TEA foram avaliadas quanto a motricidade fina e global, equilíbrio, esquema corporal e espacial e lateralidade, o desempenho motor apresentado foi inferior ao desenvolvimento esperado para a idade, confirmando os atrasos Transtornos do Espectro do Autismo (TEA). Isso foi observado por Anjos et al. (2017) em sua pesquisa realizada com 30 crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista, concluindo que as crianças avaliadas estavam com atrasos motores significativos.

A atividade lúdica norteia um trabalho pedagógico que visa o desenvolvimento significativo do autista, pois a brincadeira e o jogo constituem um veículo privilegiado de educação e favorecem o processo de ensino-aprendizagem. Eles fazem parte da infância, possibilitando que a criança ultrapasse o mundo real, transformando-o em imaginário. Além disso, a brincadeira é uma das formas encontradas para expressar sentimentos e desejos, expor as emoções, além de reforçar os laços afetivos e elevar o nível de interesse da criança com a brincadeira. Neste sentido, a escola desempenha um papel importante pois, por meio da ludicidade, favorece a interação em diferentes situações, ao considerar a brincadeira um instrumento agregador no processo de ensino-aprendizagem. Isto é, a atividade lúdica está indissociável do processo de ensino-aprendizagem.

Esquivel (2014) afirma que o brincar incentiva e desafia a criança a pensar, desenvolver-se, achar o seu equilíbrio, pois as atividades lúdicas representam um papel primordial no processo de ensino aprendizagem dos educando, assim é dada a oportunidade da criança de ser participante na construção e desenvolvimento do seu conhecimento e não a ser um sujeito passivo de sua aprendizagem. Este processo estimula a criança a ser mais independente e criar 12 suas próprias defesas e estratégias para solucionar conflitos e problemas que o jogo pode apresentar, podendo repetir no seu dia a dia.

O papel professor é primordial para promover e conduzir o desenvolvimento dessas crianças, por isso é responsabilidade dele selecionar e criar atividades adequadas respeitando o nível e limites das crianças, sua faixa-etária, seu contexto sócio cultural e principalmente o cognitivo da criança.

4.CONCLUSÃO

O artigo em questão apresentou estudos acerca da ludicidade como intervenção

no Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para tanto, o lúdico foi evidenciado sob a visão de critérios diagnósticos, sobre sua importância no neurodesenvolvimento infantil e especificidades do lúdico no TEA.

As atividades lúdicas devem valorizar o aprendizado as conquistas do dia a dia e não somente o ensino dos movimentos, é importante ressaltar as mínimas possibilidades e os avanços nas atividades promovidas. Para que isso ocorra de forma adequada e o aluno tenha mais independência é importante o professor conhecer as particularidades de cada criança. As atividades como correr, natação, ginástica, jogos e brincadeiras, relaxamento, música entre outras são importantes para o desenvolvimento, diminuição dos movimentos estereotipados, possibilitando melhor interação social.

É de suma importância avaliar os resultados antes e pós as atividades assim podendo analisar a eficácia das atividades realizadas, e se será necessário realizar mudanças. Vale ressaltar que faz parte do quadro clínico do autismo a tendência ao sedentarismo, então nosso papel é sempre estimular a prática de atividades que também irá ajudar na maior interação social e também melhorar a qualidade de vida.

Contudo isso é importante o professor conhecendo seus alunos estabelecer atividades específicas para as dificuldades existentes (interação social, comunicação e comportamento inapto), assim os alunos com TEA poderão ser mais bem atendidos.

Apesar da difícil tarefa de se avaliar um quadro tão complexo como o autismo, pode-se perceber que a realização de atividades lúdicas e recreativas tem proporcionado uma evolução evidente do caso estudado, fato que torna possível afirmar a importância de um processo de intervenção que valorize esse tipo de atividade no enfrentamento desse tipo de dificuldade comportamental, no sentido de melhorar a qualidade de vida desses sujeitos, assim como de seus familiares.

O estudo pôde apresentar como o brincar atende as necessidades terapêuticas das crianças com TEA a partir de suas principais demandas comportamentais, mais especificamente apresentadas por critérios diagnósticos, configurando-se como intervenção chave dentro dos investimentos realizados junto a essas crianças. Redizemos a importância da relação existente entre o brincar e o Transtorno do Espectro do Autismo ressaltando a necessidade de estudos com esse objetivo, a fim de investigar mais profundamente esta relação, possibilitando um maior conhecimento sobre essa atividade essencial para o desenvolvimento e seus impactos em vários aspectos das vidas dessas crianças.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. A., & TEODORO, M. L. M. (2012). Família e Autismo: Uma revisão da Literatura. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Contextos Clínicos, pg 133-142. doi:<http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2012.52.07>
- AGUIAR, A.P; PEREIRA, F.S; BAUMAN, C.D. A Importância da Prática de Atividade Física para as Pessoas com Autismo. J. Health BiolSci. v. 5, n. 2, p. 178-183, 2017.
- ANJOS, Clarissa Cotrim. et al. Perfil Psicomotor de Crianças com Transtorno do Espectro Autista em Maceió/AL. Revista Portal: Saúde e Sociedade. v.2, n.2, p.395-410, 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- BORBA, M. M. C.; BARROS, R. S. Ele é Autista: como posso ajudar na intervenção? Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico-comportamental ao autismo. Cartilha da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), 2018.
- BRITO, M. C. Estratégias Práticas de Intervenção nos Transtornos do Espectro do Autismo. Instituto Nacional Saber Autismo 2017.
- COELHO, M.; SANTO, E. A. Autismo: Perda do Contacto com a Realidade Exterior. 11. 33 f. Monografia (Especialização) - Curso de Formação Continuada, Centro de Formação Contínua de Professores de Ourique, Castro Verde, Aljustrel e Almodôvar, Ourique, 2006.
- CARVALHO. E. N. S. de. Transtorno do Espectro Autista. In: MACIEL, D.; BARBATO, S. Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: UnB.
- DAMASIO, MAURRER , 1978 apud Moura et al 2005. 'Bases Neurobiológicas do Autismo: Enfoque no domínio da Sociabilidade' In caderno de Pós Graduação em Distúrbios de Desenvolvimento, Disponível em: <http://www.marckenzie.br/fileadmin/pos_graduacao/mestrado/disturbios_do_desenvolvimento/publicacoes/volume_v/bases_neurobiologicos.pdf> Acesso em 05 de Março 2020, às 21h

Decreto Nº 6571, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto no 6.253, de 13 de novembro de 2007. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial, 2008. Disponível em

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm#art11. Acesso em 11 de Abril 2020, às 22h.

DE BIASI, Mari. Brincar e Aprender na Educação Infantil. 1. ed. São Paulo: Clube dos DSM-IV. Pervasive Developmental Disorders. In: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. 4th ed. Washington, DC: American Psychiatric Association; 1994. p. 65-78.

ELLIS, Kathryn. Autismo. Tradução de Pedro Paulo Rocha. Rio de Janeiro: Reinventar, 1996.

ESQUIVAL, Ana. O lúdico no Universo Autista. UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2014.

Fonseca, Vitor. Da Filogênese à Ontogênese da Motricidade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988 pag. 309

FAIRSTEIN, G. A.; GYSSELS, S. Como se Aprende? Coleção Programa Internacional de Formação de Educadores Populares. São Paulo: Loyola, 2005.

GARCIA, A. et al. El Juego Infantil y su Metodología. Madrid-Esp; Editex, 2009.

GAUDERER, C. Autismo e Outros Atrasos do Desenvolvimento. Guia prático para pais e profissionais. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

GRAFIN, Temple. Inclusão: Dicas de Ensino para Crianças e Adultos. Disponível em: <http://www.autismoevida.org.br/p/inclusao.html>. Acesso em: 10 de abril 2020, às 20h

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens – O Jogo como Elemento da Cultura. São Paulo: Perspectiva, 2000.

KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.). Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997. (1997, p. 51)

LECAVALIER, Luc. Behavioral and emotional problems in young people with pervasive developmental disorders: Relative prevalence, effects of subject characteristics, and empirical classification. *Journal of autism and developmental disorders*, v. 36, n. 8, p. 1101-1114, 2006.

- LAMPREIA, Carolina. A Perspectiva Desenvolvimentista para a Intervenção Precoce no Autismo. *Estudos de Psicologia I, Campinas*, v. 24, n. 1, p. 105-114, jan./mar. 2007.
- LARSON, Jennifer. C. Gidley. et al. Acquisition of internal models of motor tasks in children with autism. *Brain*, November; v. 11, n. 13, p. 2894–2903, 2008.
- LUCKESI, Cipriano (org.). *Ensaio de Ludopedagogia*. N.1, Salvador UFBA/FACED, 2000.
- MAURER, R.; DAMÁSIO, A (1982). Child hood autism from the point of view of behavioural neurology. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, Vol. 12 N^a, 105-205
- MAZZOTTA, M. J. S. *Fundamentos de Educação Especial*. São Paulo: Cortez, 1992.
- MOSTOFISKY, Stewart. et al. Developmental dyspraxia is not limited to imitation in children with autism spectrum disorders. *Journal of the International Neuropsychological Society*, v.12, n.3, p. 314-326, 2006
- Organização Mundial da Saúde. (1993). *Classificação de Transtornos Mentais e do Comportamento da CID – 10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas. *Psicopedagogia Online*, p. 1-6, ORRÚ, Sílvia Ester. E-Aspectos inerentes ao desenvolvimento da criança com autismo. 2002.
- OKUDA, Paola Matiko; MISQUIATTI, Andrea Regina Nunes; CAPELLINI, Simone Aparecida. Caracterização do perfil motor de escolares com transtorno autístico. *Revista Educação Especial*. v. 23, n. 38, p. 443-454, 2010.
- PADILHA, D. et. al. A Psicomotricidade para Autistas nas Aulas de Educação Física do Ensino Fundamental I. *Revista Gestão Universitária*. São Paulo, 2017.
- PIAGET, J. *A Psicologia da Criança*. ED Rio de Janeiro: Bertrend Brasil, 1998.
- PIAGET, J. (1946) *A Formação do Símbolo na Criança: Imitação, Jogo e Sonho, Imagem e Representação*. Tradução de Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. Piaget, Julgamento mora.
- RECHINELI, Andreia; PORTO, Eline Tereza Rozante; MOREIRA, Wagner Wey. *Corpos deficientes, Eficientes e Diferentes: uma visão a partir da educação física*. *Revista Brasileira de Educação e Esporte, Marília*, v. 14, n. 2, p. 293-310, maio/ago. 2008.
- SALDANHA, Ana .E. *O Jogo em Crianças Autistas*. Lisboa: Coisa de Ler, 2014
- SILVA S. G. et al (2018) *Os Benefícios da Atividade Física Para Pessoas Com*

Autismo. Revista Diálogo em Saúde. volume 1 - número 1 jan/jun 2018

SOUZA, G. FACHADA, R. Atividade Física para Crianças Autistas. Reconstruindo a base sócio familiar. Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, Nº 173, Octubre de 2012

TOMÉ, M. A Educação Física como Auxiliar no Desenvolvimento Cognitivo e Corporal dos Autistas. Movimento & Percepção, Espírito Santo do Pinhal, SP v.8, n.11, 2007.

TREVARTHEN, Colwyn; DANIEL, Stuart. Disorganizedrhythmandsynchrony: EarlysignsofautismandRettsyndrome. BrainandDevelopment, v. 27, p. S25-S34, 2005.

VYGOTSKY, L.S. - Teoria e Método em Psicologia. 2. ed. São Paulo (Brasil): Martins Fontes, 1999.

VALENTE, J. A. Liberando a Mente: Computadores na Educação Especial. Campinas: Graf. Central da Unicamp, 1991.